



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

O TERRITÓRIO EM PRINCESA MONONOKE: ARTICULANDO A LINGUAGEM AUDIOVISUAL À EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Giovana Finato Zabot[1]

Introdução

O território é um dos principais conceitos da geografia, amplamente estudado academicamente, mas frequentemente complexo de se abordar em sala de aula. Para Raffestin (2011), o território é uma construção social resultante das interações e relações de poder entre diferentes atores, sendo um espaço de poder e de política, que envolve atores que o produzem. Não é apenas uma extensão física, mas um produto das práticas sociais que ocorrem dentro dele. Se o território é, antes de tudo, um objeto político (Di Méo, 2006), nesse sentido, essas relações de poder se configuram na capacidade de controlar e influenciar o acesso e a distribuição dos recursos físicos, econômicos, políticos e sociais em uma determinada área geográfica. O poder não é apenas exercido por instituições políticas formais, mas também por uma ampla gama de atores e estruturas sociais (Raffestin, 2011).

O conceito de território possui grande relevância para a análise geográfica e para o desenvolvimento do pensamento geográfico, pois permite articular outros conceitos fundamentais, como lugar, região e paisagem, na compreensão das interações entre sociedade e natureza e na interpretação das transformações do mundo (Brasil, 2018). Nesse sentido, é essencial que os alunos desenvolvam essa compreensão, e o uso de estratégias didáticas que aproximem o conteúdo de sua realidade configura-se como uma possibilidade de trabalhar o tema em sala de aula de maneira mais estimulante.

A indústria cultural permeia o cotidiano das pessoas, principalmente dos adolescentes. Nas últimas décadas, vemos a crescente presença dos animes japoneses no consumo de mídias. Assim, exibir filmes populares na escola pode ser uma linguagem diferencial para que os alunos compreendam conceitos que por muitas vezes podem ser complexos ou pouco atrativos. Para Valverde (2015) a indústria cultural pode ser um importante objeto de estudo geográfico, pois resulta em um fenômeno espacial, além da dimensão simbólica capaz de conquistar as ideias dos telespectadores.

O presente trabalho trata de uma reflexão sobre as potencialidades do uso do audiovisual em sala de aula, tomando como referência a animação *Princesa Mononoke* (1997), dirigida por Hayao Miyazaki. A obra, ao recorrer à fantasia, retrata um conflito territorial e, ao mesmo tempo, evidencia questões relacionadas à degradação ambiental, tensões entre comunidades tradicionais e à lógica mercadológica de exploração intensiva da natureza com fins lucrativos. Nesse contexto, o filme configura-se como uma linguagem capaz de produzir um

[1] Universidade Federal da Fronteira Sul; graduanda em Geografia - Licenciatura; giovanazabot@gmail.com.



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

pensamento sobre o espaço promissor para o ensino de Geografia, aplicável tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Metodologia

A análise será desenvolvida a partir dos elementos narrativos e simbólicos da obra, observando como se desenvolvem as relações entre as personagens e o meio em que vivem e/ou exploram, e como estas se estruturam a partir de suas ideologias, vivências e espiritualidade. Para tanto, serão utilizados referenciais da geografia política, identificando como conceitos da geografia podem ser mobilizados através da obra, e como as cenas, diálogos e construção da narrativa evidenciam a complexidade entre progresso técnico e preservação da natureza, de modo a compreender como o filme expressa dinâmicas socioespaciais e conflitos ecológicos contemporâneos.

Discussão e Resultados

Dentro do contexto escolar, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), espera-se que o aluno desenvolva determinadas competências e habilidades. No documento, o conceito de território aparece, para a etapa do Ensino Fundamental, diretamente, para o 7º ano na Unidade Temática “O sujeito e seu lugar no mundo” a partir da formação territorial do Brasil, e “explora-se, no 8º ano, uma análise mais profunda dos conceitos de território e região, por meio dos estudos da América e da África” (Brasil, 2018, p. 382). Para o Ensino Médio, aparece principalmente na competência 2: “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações” (p. 564), seguida de seis habilidades relacionadas ao tema, englobando as noções de fronteira e vazios, Estados-Nação, produção de territórios e territorialidades, e os conflitos nesse processo (Brasil, 2018).

Em *Princesa Mononoke* (1997) vemos o desenrolar de um conflito entre os habitantes da floresta (animais e espíritos) e a pequena cidade refinadora de ferro, que travam constantes disputas pela dominação do território da floresta, que é tanto o espaço vital dos primeiros, como também uma rica jazida de minérios que suscitam o interesse da refinaria.

A narrativa de *Princesa Mononoke* é essencialmente um conflito por território. Os animais da floresta são expressões das divindades da natureza, representação influenciada pelo animismo xintoísta (Morais, 2021), mas também podem ser vistos como comunidades tradicionais, que habitam lugares em harmonia com a natureza, mas que vem sendo desterritorializados pelos interesses comerciais de uso da terra. Nesse sentido, o príncipe Ashitaka, protagonista do filme, atua como um mediador do conflito. Vindo de uma tribo exilada pelo império, eles ainda resistem para manter



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

suas tradições e demonstram um profundo respeito e conexão com a natureza, ao mesmo tempo que são humanos, mostrando assim que ainda é possível estabelecer outro tipo de relações com o meio ambiente.

O território no filme é, além do espaço onde as relações se desenvolvem, o objeto do conflito, e também um dos atores dele, personalizado na figura do *Shishigami*, deus protetor da floresta e alvo dos ataques, pois sendo a alma da floresta, ela só poderá ser dominada com a derrota dele. Em contraponto, o território para a aldeia é funcionalista (Di Méo, 2006), conquistado através da dominação, da violência e controle socioespacial e político.

Em um primeiro momento, a partir da concepção de Ratzel onde o Estado é o único núcleo de poder (Raffestin, 2011), podemos pensar que a refinaria é a representação desse Estado. Porém, ele é representado na figura dos samurais (exército do imperador) e dos monges. É a partir disso que se desenvolve a complexidade da narrativa. Ambas comunidades, floresta e refinaria, estão subjugadas pelas mesmas forças, a do imperador, representando a figura do Estado. Por um lado, a indústria de aço e fabricação de armas destrói a natureza e coloca em risco a vida dos habitantes da floresta. Por outro, Lady Eboshi constrói ali uma comunidade a partir do acolhimento de pessoas marginalizadas, conquistando grande admiração e respeito dos habitantes.

A luta pelo território também se torna uma luta por autonomia e resistência às forças do imperador. Aqui o poder é estabelecido pela força através da guerra. A aldeia conquista sua posição de poder através de sua superioridade bélica, sendo exatamente por esse motivo que o imperador articula diversas tentativas de atacá-la, a fim de suprimir esse poder. Assim, ao mesmo tempo em que a refinaria trava conflitos com as forças imperiais por sua soberania, também promove massacres contra os povos da floresta (e consequentemente a própria floresta) apenas para conseguir esse objetivo.

As diferentes concepções sobre território e seu uso também são influenciadas pela própria realidade geográfica do Japão. O país, localizado a leste do continente asiático, é um arquipélago composto por quatro grandes ilhas e diversas ilhas menores. Cerca de três quartos de seu território é formado por áreas montanhosas, restando aproximadamente cinco milhões de hectares (cerca de 14% da superfície nacional) destinados à agricultura. Devido à escassez de terras cultiváveis, o Japão depende da importação de alimentos, concentrando sua produção agrícola principalmente na busca pela autossuficiência em relação ao arroz, alimento base da população. Assim, a relação do país com seu território caracteriza-se por certa fragilidade e por constantes incertezas, nas quais eventuais conflitos pelo uso da terra tendem a ser motivados pela limitação de recursos disponíveis.

Considerações Finais



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

Hayao Miyazaki é um cineasta de notável sensibilidade e complexidade, capaz de transmitir mensagens profundas por meio de narrativas poéticas. Em suas obras, a natureza assume o papel de um personagem vivo, e não apenas de um cenário para as ações humanas. Essa vitalidade manifesta-se na presença dos espíritos da floresta, que ora expressam comunidades tradicionais, ora personificam a própria natureza, em consonância com concepções animistas fortemente presentes no xintoísmo. Nas produções de Miyazaki, é impossível dissociar as narrativas da influência dessa tradição religiosa, que propõe uma relação com o meio natural distinta daquela predominante na sociedade ocidental cristã. Nessa perspectiva, observa-se uma postura de respeito e de igualdade diante da natureza, substituindo a lógica de dominação por uma visão de coexistência e harmonia.

O uso de produções da indústria cultural também deve ocupar um espaço significativo na educação básica, visto que essas obras estão profundamente inseridas no cotidiano dos estudantes. Conforme Adorno (2002, p. 10), a indústria cultural tende a provocar uma “atrofia da imaginação e da espontaneidade”. Assim, utilizar essas produções de forma crítica em sala de aula é fundamental para promover uma postura reflexiva diante do consumo cultural, estimulando os alunos a pensarem sobre as mensagens e valores presentes nas obras que assistem.

Sendo assim, o filme Princesa Mononoke mostra-se uma linguagem que extrapola o entendimento da utilização do audiovisual como recurso ou ferramenta didática para o ensino de Geografia, mas amplia as possibilidades do exercício de pensar a produção de um pensamento sobre o espaço. Além de permitir abordar uma ampla gama de conteúdos, que vão desde as relações políticas e territoriais até aspectos econômicos e ambientais, a obra também expressa uma criação. Nesse sentido Girardi e Oliveira Jr. (2011, p. 4) “entendem que as próprias linguagens são tomadas como obras humanas nas quais se pode ou não, se consegue ou não dizer algo” Para os autores, a própria escolha da linguagem para dizer algo, para criar algo é “já uma escolha que definirá o conteúdo que será dito. Forma e conteúdo não se desgrudam, não se separam, mas antes se coadunam na gestação de pensamentos e obras” (Girardi; Oliveira Jr. , 2011).

Além disso, por se tratar de uma obra oriunda de outra cultura, o filme pode ser explorado de forma interdisciplinar no campo das ciências humanas, possibilitando discussões sobre questões filosóficas e religiosas que enriquecem o debate em sala de aula.

Palavras-chave: Território, Princesa Mononoke, Geografia Política, Educação geográfica.



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 out. 2025.

DI MÉO, Guy. LES TERRITOIRES DE L'ACTION. **Bulletin de la Société géographique de Liège**, 48, 2006, 7-17.

GIRADI, Gisele; OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado de. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. Disponível em: <https://poesionline.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>. Acesso em: 10. out. 2025.

MORAIS, Amanda Lopes de. **O xintoísmo e os filmes de Hayao Miyazaki: a influência da religião em suas narrativas**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Cinema de Animação e Artes Digitais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

PRINCESA Mononoke. Direção: Hayao Miyazaki. Produção: Studio Ghibli. Roteiro: Hayao Miyazaki, 1997. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 03 out. 2025.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 2011.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. A Indústria Cultural como objeto de Pesquisa Geográfica. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 29, p. 391–418, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/view/102082>. Acesso em: 1 out. 2025.